

A ÉPOCA DE GOETHE SOB A PERSPECTIVA DO *STURM UND DRANG* DE GOETHE E O ROMANTISMO DE FRIEDRICH SCHLEGEL

Juliana Oliveira do Couto (UERJ)¹

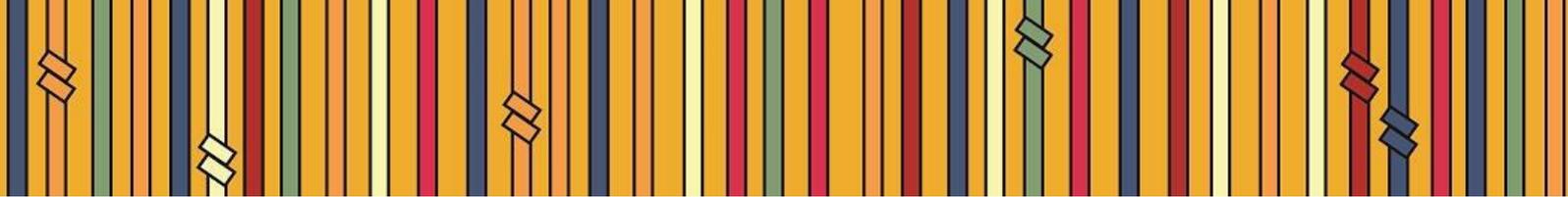
Resumo: No ano de 1773, no âmbito do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), Goethe publica seu drama histórico *Götz von Berlichingen* e concretiza assim a renovação dramática já postulada por seu predecessor, o iluminista Lessing. Em 1799 Friedrich Schlegel publica seu romance *Lucinde*, fruto da primeira fase do Romantismo Alemão. Esta obra se propôs a transpor sua própria teoria estética ao campo literário. Goethe e Schlegel se aproximam, desse modo, no que se refere à relação entre teoria e *práxis* literária nas obras em questão. O objetivo do presente trabalho é, por conseguinte, analisar a forma como esta relação se estabelece na escrita de Goethe e Schlegel.

Palavras-chave: Época de Goethe; Sturm und Drang; Romantismo Alemão; Goethe; Friedrich Schlegel

A segunda metade do século XVIII viu despontar uma série de estilos de época cujos postulados se configuram como vitais à história da literatura alemã: *Aufklärung*, *Sturm und Drang*, Classicismo e Romantismo. Embora carregados de ideologias específicas – e, em determinados momentos, antagônicas –, estes movimentos compartilharam certos pressupostos teóricos, dado à proximidade cronológica: a *Aufklärung* e o *Sturm und Drang* coexistiram, assim como o Classicismo e o Romantismo, o que torna necessária uma breve observação de um panorama geral a fim de compreender as especificidades desta ou daquela escola literária.

Cabe enfatizar a notabilidade desta profusão literária em solo alemão, após um longo período apático, no qual a literatura produzida pautava-se em empréstimos advindos do país vizinho (França) e em uma rígida obediência aos pressupostos das poéticas clássicas, não restando espaço à originalidade. É praticamente consecutiva a este hiato a publicação do drama de Goethe, *Götz von Berlichingen* (1773), apaixonadamente celebrado pelos jovens *Stürmer* e ferozmente repudiado pelos adeptos da estrita observância aos padrões clássicos. O romance de Schlegel, *Lucinde*, vem a lume no fim do século (1799), trazendo a defesa da convergência dos gêneros literários e a apologia ao amor livre, o que, novamente, provocou celebração e ira. Vale destacar que não se pretende aqui efetuar uma análise contrastiva acerca do conteúdo das obras de Goethe e

¹ Graduada em Letras (UERJ), Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ).

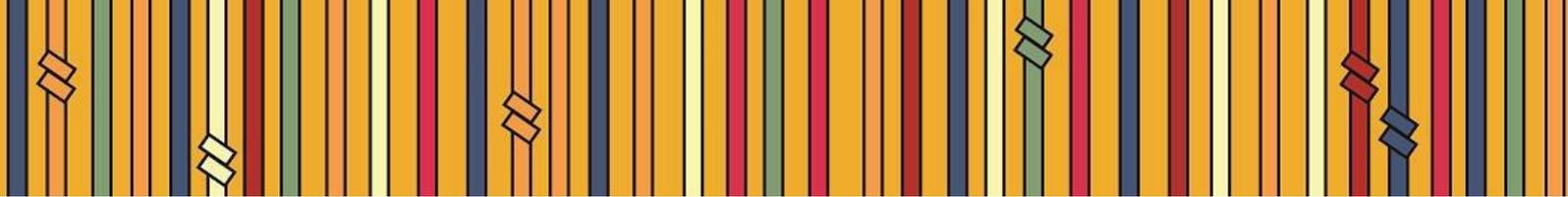


Schlegel, mas situá-las na história da literatura alemã à luz da relação entre teoria e *práxis* literária.

No que se refere à atmosfera literária que recebeu o célebre drama da juventude de Goethe, é impossível caracterizá-la sem trazer à tona seu alvoroço, pois é justamente a peça goethiana que inaugura uma nova fase da literatura produzida em terras germânicas, que já vinha sendo anunciada desde os escritos teóricos de Lessing. O *Aufklärer* (iluminista), que terminou por se tornar uma espécie de precursor involuntário do *Sturm und Drang*, promoveu, no início da segunda metade do século XVIII, um levante intelectual contra a literatura elaborada por seus contemporâneos: já seria tempo de abandonar a mera imitação dos classicistas franceses, o que, por sua vez, remetia a um processo de cópia mecânica dos Antigos. De acordo com Lessing, seria necessário observar a essência dos padrões clássicos em vez de atentar unicamente à sua estrutura formal. Para obter tal resultado, deveria ser permitida aos artistas a não observância de cada minucioso detalhe estrutural, pois a captação da essência das obras clássicas não residiria somente neste aspecto. A partir de então, entra em cena a originalidade e a figura de Shakespeare irrompe como o gênio exemplar, modelo capaz de ceder à literatura alemã o tão ansiado caráter genuíno:

Mas também à luz dos modelos antigos Shakespeare é um poeta trágico muito melhor do que Corneille, embora este tenha conhecido os antigos muito bem e aquele quase nada. Corneille aproximava-se deles mais pela construção mecânica, Shakespeare mais pelo essencial. O inglês alcança quase sempre o objetivo da tragédia, por mais estranhos e pessoais que sejam os seus caminhos; enquanto que o francês quase nunca o alcança, embora siga sempre pelos trilhos preparados pelos Antigos (LESSING, *Briefe, die neueste Literatur betreffend*, Berlim: 1759-1765, *apud* BARRENTO, 1989, p. 99).

Cabe acrescentar que apesar de soar paradoxal a busca por um padrão advindo do exterior com a finalidade de promover uma emancipação literária, há de se levar em conta o fato de o campo literário alemão ainda não haver se constituído como tal no período em questão, o que justifica uma inspiração advinda de território estrangeiro. Conforme Pedro Duarte, “foi preciso colocar Shakespeare como referência para que surgisse o gênio alemão: Goethe” (DUARTE, 2011, p. 73). É importante ressaltar que não entraremos aqui no mérito da extensa teoria do gênio, cujas concepções do jovem Goethe e de Schlegel eram distintas, tendo em vista a economia do texto.



A partir do caminho aberto por Lessing, estavam, então, instituídas as bases teóricas para o surgimento de *Götz von Berlichingen*. É precisamente através da leitura de Shakespeare que Goethe encontra o seu gênio e se lança rumo a uma literatura sem amarras, através da qual o artista assenhora-se de si mesmo:

Não tive a menor dúvida em renunciar ao teatro regular. A unidade de lugar com seu acanhamento me parecia um cárcere; a unidade de ação e tempo, cadeados maçantes para nossa imaginação. Saltei ao ar livre, senti pela primeira vez que possuía mãos e pés. Então, quando via quanta injustiça havia sofrido dos Senhores das Regras dentro de seus cárceres e quantas almas livres ainda lá se torciam aprisionadas, meu coração teria arrebatado, se não lhes houvesse declarado guerra, se não lhes procurasse diariamente arrombar as portas (GOETHE, *apud* ROSENFELD, 1991, p. 66-67).

Com a publicação de *Götz*, Goethe ultrapassa os limites da teoria, transpondo para a prática literária as premências de seu tempo, rompendo definitivamente com padrões pré-estabelecidos e dando voz à sua originalidade. Vale destacar que o literato não somente pôs em prática os novos moldes estéticos, como também reafirmou a sua própria cultura ao pautar seu drama em uma base histórica – a autobiografia do cavaleiro medieval Gottfried von Berlichingen (1480-1562) serviu de inspiração ao enredo da obra. Através desta temática histórica, Goethe pôde explorar não somente o passado histórico de sua nação, como reafirmar as urgências de seu próprio tempo: as tendências emancipatórias, a exaltação da liberdade e a revolta crítica. Já que a revolução não poderia ser efetivada no campo político, é no campo literário que se encontra a sua concretização. Não é sem razão, que a liberdade defendida na trama, trata-se de uma liberdade de alma, à qual nem mesmo o encarceramento poria fim, conforme Elisabeth, mulher de Götz, esclarece em passagem do quarto ato, ao se referir aos companheiros de batalha de seu marido: “Eles têm a sua recompensa, nasceu com eles – um coração livre e nobre. Mesmo dentro da prisão, eles estão livres!” (GOETHE, 1945, p. 168).

Goethe inaugura, dessa forma, uma nova estética, possibilitando, finalmente a identificação dos jovens literatos com a produção literária de sua época. Já não mais havia um abismo entre as premências de seu tempo e a literatura. O então *Stürmer* retoma o passado germânico também no seu nível linguístico, extasiando os jovens autores, enfurecendo os conservadores e apontando a uma nova era na dramaturgia. Consoante Dieter Borchmeyer,

Especialmente a geração de jovens literatos – futuramente reunidos pela palavra de ordem do *Sturm und Drang* – encontrou em *Götz von Berlichingen* a concretização de uma nova estética dramática. O que exaltou sobremaneira os *Stürmer und Dränger* foi a retomada linguística e dramaturgica da história. Com todo o direito, deve-se caracterizar esta peça como o primeiro verdadeiro drama histórico da literatura mundial.

[...] O inovador da obra consiste, sobretudo, na tentativa, por vezes através de uma linguagem drástica, – diferenciada de acordo com nível, ambiente e cenário – de evocar a atmosfera do passado histórico. Tanto que deleitou a jovem geração literária, feriu profundamente o gosto dos adeptos das regras de decência da corte e as normas poéticas correspondentes à sua geração (BORCHMEYER, 2005, p. 34 – tradução nossa).²

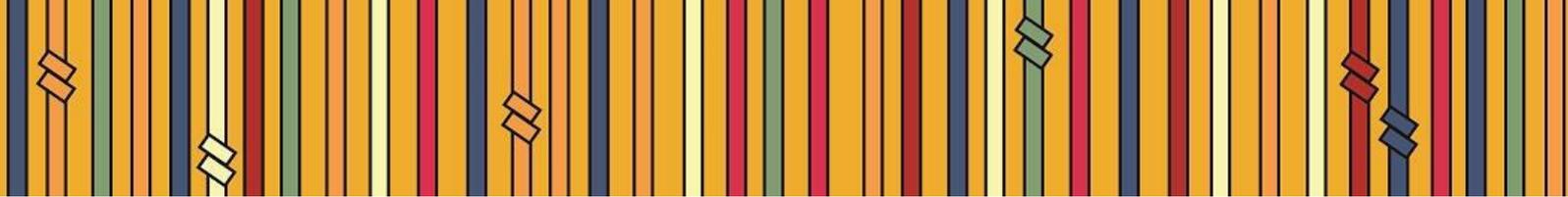
Friedrich Schlegel, por sua vez, transpõe para a prática literária a sua própria teoria estética, pautada na convergência dos gêneros literários e na aproximação entre arte e filosofia, partindo de um gênero ainda recente: o romance. O literato encontrava-se em uma busca permanente pelo absoluto e, ao contrário da clara distinção entre os gêneros imposta pelo Classicismo – estilo de época ao qual o Goethe que lhe era contemporâneo se afiliava –, Schlegel postulava que “todos os gêneros poéticos clássicos em seu purismo rigoroso são agora ridículos” (SCHLEGEL, *apud* VOLUBUEF, 1999, p. 40). Sua perseguição do absoluto é sintetizada no Fragmento 116 da célebre revista *Athenäum*,

A poesia romântica é uma poesia universal progressiva. A sua função não é apenas a de voltar a unir todos os gêneros separados da poesia e aproximar a poesia da filosofia e da retórica. Ela pretende e deve também, ora misturar, ora fundir poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia erudita e poesia natural, tornar a poesia viva e sociável e a vida e a sociedade poéticas [...] (SCHLEGEL, *apud* BARRENTO, 1989, p. 233).

Vale destacar que a questão da fusão dos gêneros está em consonância com a teoria da história schlegeliana – enquanto a exaltação dos *Stürmer* à figura de Shakespeare alude

²No original: Besonders die bald durch die Parole des “Sturm und Drang” zusammengehaltene junge literarische Generation fand in *Götz von Berlichingen* eine neue Ästhetik des Dramas verwirklicht. Was die Stürmer und Dränger vor allem begeisterte, war der sprachlich wie dramaturgisch Rückgriff auf die Geschichte. Mit Fug und Recht darf man dieses Schauspiel als das erste echte Geschichtsdrama der Weltliteratur bezeichnen.

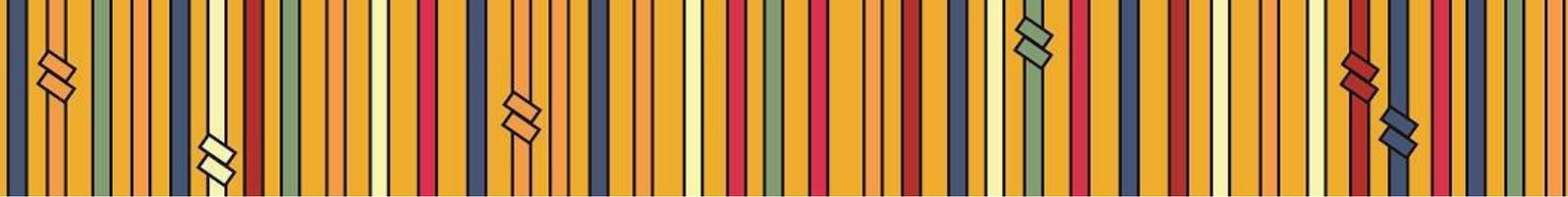
[...] Das Neuartige liegt vor allem in dem Versuch, durch die teilweise drastische Sprache [...] – abgetönt nach Stand, Milieu und Schauplatz – die Atmosphäre geschichtlicher Vergangenheit zu beschwören. So sehr das die junge literarische Generation begeisterte, so empfindlich verletzte es den Geschmack der an den höfischen Anstandsregeln und den ihnen korrespondierenden poetischen Normen orientierten Generation.



à visão histórica de Herder. Guardadas as devidas distinções, ambos perceberam que não seria possível aos modernos a criação de uma arte exatamente idêntica à produzida pelos Antigos, afinal, o mundo e o homem moderno já não eram mais os mesmos da Antiguidade. Os Antigos possuíam a arte épica como referência, ao passo que os modernos se viam em meio à predominância do romance. Justamente por ser um gênero não canônico e aberto à hibridez, o romance poderia “correr por fora” da tradição afirmando sua constituição singular. Não é sem razão, portanto que Schlegel afirma: “[...] exijo de toda poesia que seja romântica, mas detesto o romance, na medida em que ele se pretenda um gênero específico” (SCHLEGEL, 1994, p. 67).

Esta alteração na forma como os literatos se relacionam com os gêneros ao longo de distintas épocas refletiria, segundo Schlegel, o próprio movimento histórico, afinal, não somente no passar dos períodos históricos, mas também “no próprio universo da poesia, porém, nada está em repouso, tudo vem a ser, se transforma e se move” (SCHLEGEL, *apud* DUARTE, 2011, p. 57). O literato afirma ainda, que não poderia “conceber um romance que não seja uma mistura de narrativa, canção e outras formas” (SCHLEGEL, 1994, p. 68). É justamente esta convergência entre distintas formas artísticas – e formas do saber, em geral – que Schlegel pretende concretizar em seu romance *Lucinde*: uma escandalosa apologia ao amor livre em forma de um romance de formação perpassado por relatos, cartas, diálogos, devaneios, apresentados por um duplo ponto de vista – as vozes de Lucinde e Julius se intercalam na obra. A narrativa, seguindo o programa romântico, não se pauta em um enredo fechado em um sistema início-meio-fim, mas em uma torrente de elucubrações e simbolismos, que “não conhece fronteiras entre os tempos passado e presente; que mescla livremente a descrição e o diálogo; que troca repetidas vezes de narrador e de foco narrativo; enfim, que louva a transgressão dos tabus” (VOLUBUEF, 1990, p. 47). Logo na primeira carta de Julius a Lucinde pode ser observada a priorização do fluxo das ideias em detrimento da apresentação cronológica dos acontecimentos:

Nenhum propósito, entretanto, é mais proposital para mim e para este trabalho, para meu amor por ele e para sua própria estrutura, do que destruir desde o princípio toda aquela parte que chamamos “ordem”, removê-la e reivindicar explicitamente e afirmar verdadeiramente o



direto a uma charmosa confusão (SCHLEGEL, 1971, p. 45 – tradução nossa).³

Mais à frente, Julius afirma que “[...] cada ideia e tudo o mais formado em nosso interior parece perfeito em si mesmo, tão único e indivisível quanto uma pessoa”⁴ (Ibidem, p. 48). As ideias seriam, dessa forma, tão vitais quanto a própria humanidade, isto é, seriam a essência do humano. É esta essência que o autor buscou captar poeticamente em sua obra ambiciosa.

Após o conteúdo exposto revela-se a fundamental participação de Goethe e Schlegel no processo de constituição da literatura alemã. Ao transpor as teorias em voga para a prática literária, ambos os autores concretizaram as rupturas fortemente ansiadas por seus contemporâneos e adeptos, embora fervorosamente execradas pela ala conservadora. Apesar de a produção goethiana contemporânea à escrita de Schlegel já não mais estar em consonância com seus ideais subversivos, é notável o papel do jovem Goethe como precursor dos românticos – salvo as devidas distinções ideológicas. Por fim, cabe acrescentar que tal temática se encontra longe de um esgotamento e, a fim de evitar uma abordagem extensa, um pequeno recorte foi efetuado neste trabalho. Nuances diversas da problemática aqui apresentada serão trabalhadas em uma futura exposição.

Referências bibliográficas

BARRENTO, João. *Literatura Alemã: textos e contextos (1700-1900)*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

BEUTIN, Wolfgang et al. *História da literatura alemã: das origens à atualidade*. Trad. Anabela Mendes; Fernanda Gomes; Manuela R. Sanches; Maria Assunção P. Correia; Teresa Cadete. Lisboa: Cosmos, 1993. v. 1.

³ Na tradução em língua inglesa: No purpose, however, is more purposeful for myself and for this work, for my love for it and for its own structure, than to destroy at the very outset all that part we call “order”, remove it, and claim explicitly and affirm actually the right to a charming confusion.

⁴ Na tradução em língua inglesa: [...] every ideia and whatever else is formed within us seems perfect in itself, as unique and indivisible as a person.

BORCHMEYER, Dieter. *Schnellkurs Goethe*. Köln: DuMont Literatur und Kunst Verlag, 2005.

DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 55-84.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *O cavaleiro da mão de ferro (Götz von Berlichingen)*. Trad. Armando Lopo Simeão. Lisboa: Ultramar, 1945.

MEDEIROS, Constantino Luz de. *A crítica literária de Friedrich Schlegel*. 2015. 405 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2015_ConstantinoLuzDeMedeiros_VCorr.pdf>, acesso em 04/06/2017. p. 147-170.

ROSENFELD, Anatol (Org.). *Autores pré-românticos alemães*. São Paulo: EPU, 1991.

_____. *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo: Perspectiva; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SCHLEGEL, Friedrich. Carta sobre o romance. In: *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. Trad. Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994. Disponível em <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Conversa-Sobre-Poesia-Schlegel.pdf>>, acesso em 04/06/2017.

_____. *Lucinde*. Trad. Peter Firchow. Minnesota: University of Minnesota, 1971. Disponível em <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/pg/masters/modules/panromanticisms/schlegel-lucinde_and_fragments.pdf>, acesso em 12/03/2016.

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas: a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. p. 40-80.